

Índice

Pippi vai morar na Villa Villekulla	11
Pippi é encontradora de coisas e mete-se numa briga	23
Pippi brinca ao agarra-agarra com polícias	33
Pippi começa a ir à escola	41
Pippi está sentada num poste da cancela e sobe a árvores	51
Pippi organiza um piquenique	61
Pippi vai ao circo	71
Pippi recebe a visita de dois ladrões	81
Pippi é convidada para um chá	91
Pippi salva vidas	103
Pippi celebra o seu aniversário	113
Notas	127

Pippi vai morar na Villa Villekulla

Nos arredores da pequenina vila havia um antigo jardim ao abandono. Nesse jardim estava uma velha casa e nela morava Pippi das Meias Altas. Pippi tinha nove anos e vivia ali completamente sozinha. A menina não tinha nem mamã nem papá, mas afinal isso até era bom, porque assim ninguém vinha dizer-lhe que eram horas de ir para a cama justamente quando ela estava a divertir-se ao máximo. Também ninguém a obrigava a tomar óleo de fígado de bacalhau quando o que ela queria era chupar rebuçados.

Uma vez, há muito tempo, Pippi teve um papá que ela adorava e, é claro, teve também uma mamã, mas tudo isso fora já há tanto tempo que ela não se recordava deles. A mamã de Pippi tinha morrido quando ela ainda era bebê, um bebê de berço que berrava tanto e tão alto que ninguém aguentava a barulheira. Pippi acreditava que a mamã estava agora no céu e que por um burquinho podia ver a sua filha cá em baixo. Por isso Pippi acenava muitas vezes para a mãe, e dizia:

«Não te preocupes! Eu cá me arranjo!»

Pippi não tinha esquecido o papá. Ele era comandante de marinha mercante, navegara em todos os mares, e ela tinha viajado no seu navio até ao dia em que durante uma tempesta-

de o pai caiu ao mar e desapareceu. Mas Pippi tinha a certeza absoluta de que um dia ele ia voltar. Não acreditava que tivesse morrido afogado. Achava que tinha alcançado uma ilha onde havia uma população preta, que tinha feito do pai o rei deles, e que ele se passeava agora o dia inteiro pela ilha com uma coroa de ouro na cabeça.

«A minha mamã é um anjo e o meu papá é rei de pretos. Nem todas as crianças se podem gabar de ter pais distintos», costumava ela dizer com regozijo. «E quando o meu papá conseguir construir um barco, ele vem buscar-me e eu vou ser uma princesa de pretos. Caramba, vou divertir-me imenso!»

O pai de Pippi tinha comprado aquela velha casa com o jardim há muitos anos. Pensou que, quando fosse velho e já não pudesse navegar, ia viver ali com Pippi. Mas aconteceu aquele desastre de ele cair ao mar, e enquanto esperava que ele voltasse, Pippi resolveu ir morar na Villa Villekulla. Era este o nome da casa. Estava toda mobilada e pronta para a receber. Ela tinha-se despedido dos marinheiros do barco do seu papá numa bela tarde de verão. Eles gostavam muito de Pippi e ela gostava muito de todos eles.

«Então adeus, rapazes», disse Pippi, dando um beijo na testa de cada um deles. «Não se preocupem comigo. Eu cá me arranjo!»

Houve duas coisas que ela quis levar consigo quando deixou o barco: um macaquinho chamado Senhor Nilsson — presente do pai — e uma mala grande cheia de moedas de ouro. A tripulação do barco, encostada à amurada, ficou a ver Pippi até ela desaparecer ao longe. Ela seguiu em frente sem olhar para trás, o Senhor Nilsson empoleirado no ombro, a mala segura na mão.

«Que criança fantástica», disse um dos marujos enquanto secava uma lágrima de um olho e Pippi desaparecia ao longe.

Tinha toda a razão. Pippi era realmente uma garota fantástica. O mais impressionante de tudo é que tinha muita força. Tinha tanta força que não havia no mundo inteiro um só polí-



cia com a força dela. Ela era capaz de levantar um cavalo, se quisesse. E isso queria ela. Aliás, ela tinha um cavalo, que comprara com uma das suas muitas moedas de ouro no mesmo dia em que se mudara para a Villa Villekulla. É que ela desejara sempre ter um cavalo, que agora morava na varanda da casa. Mas sempre que Pippi queria beber um café na varanda, levantava o cavalo nos braços e levava-o para o jardim.

Ao lado da Villa Villekulla havia uma outra casa também com jardim. Ali morava uma família constituída por pai, mãe, e dois adoráveis filhos, um rapaz e uma rapariga. O rapaz chamava-se Tommy, a rapariga Annika.

Eram duas crianças muito simpáticas, bem-educadas e obedientes. Tommy nunca roía as unhas, andava sempre penteado, fazia sempre o que a mãe lhe pedia. Annika não retilava quando não lhe faziam as vontades, e andava sempre muito bonita nos seus vestidos de algodão, bem engomados, e tinha muito cuidado para não os sujar. Tommy e Annika brincavam um com o outro no jardim deles, mas muitas vezes tinham desejado ter mais alguém com quem brincar. Isso era no tempo em que Pippi ainda andava em viagens com o pai. Então os irmãos encostavam-se à cerca que separava as casas e diziam um para o outro:

«Que pena que ninguém queira mudar-se para esta casa! Que bom seria se alguém vivesse aqui, alguém com filhos.»

Naquela bonita tarde de verão em que Pippi entrou pela primeira vez na Villa Villekulla, Tommy e Annika não se encontravam em casa. Tinham ido passar uma semana com a avó materna. Daí não fazerem a menor ideia de que agora morava alguém na casa ao lado, e quando, no primeiro dia após o regresso, foram os dois para junto da cancela e olharam para a rua, ainda não sabiam que tinham agora tão perto uma amiga com quem brincar. Justamente quando ambos pensavam no que haviam de fazer, tentando adivinhar se aquele dia lhes traria alguma coisa emocionante ou se seria mais um dia aborrecido,

abriu-se a cancela da Villa Villekulla e uma menina saiu para a rua. Era Pippi das Meias Altas, que saía para o seu passeio matinal, a garota mais singular que Tommy e Annika jamais tinham visto. Ela era assim:

O cabelo era cor de cenoura, usava tranças bem apertadas e espetadas para ambos os lados da cabeça. O nariz, que parecia uma batata pequena, estava cheio de sardas. Debaixo do nariz via-se uma boca larga com uma dentadura branca e sã. O vestido que levava era muito engraçado. Ela mesma o cosera. A intenção dela era que fosse azul, mas como o tecido não deu para mais, Pippi coseu aqui e ali vários quadradinhos vermelhos de outro pano. Nas pernas magrizelas usava um par de meias altas, uma de cor castanha, a outra preta. E depois trazia um par de sapatos que eram o dobro do número que calçava. Fora o seu papá que os comprara na América do Sul para quando fosse crescida, e ela não queria usar outros senão aqueles.

Mas o que fez Tommy e Annika arregalarem os olhos de espanto foi o macaco empoleirado no ombro da menina desconhecida. Era um mono que vestia calças azuis, casaco amarelo e usava um chapéu branco, de palha.

